



UNIFEOB

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS

ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE

ADMINISTRAÇÃO

PROJETO INTEGRADO

GESTÃO DO RISCO NAS PEQUENAS
PROPRIEDADES RURAIS

A importância da gestão no agronegócio

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

NOVEMBRO, 2021

UNIFEOB
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS
ESCOLA DE NEGÓCIOS ONLINE
ADMINISTRAÇÃO

PROJETO INTEGRADO
GESTÃO DO RISCO NAS PEQUENAS
PROPRIEDADES RURAIS

A importância da gestão no agronegócio

MÓDULO TÓPICOS CONTEMPORÂNEOS

GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCO – PROF. LUIZ
FERNANDO PANCINI

GESTÃO DE AGRIBUSINESS – PROF. DANILO MORAIS DOVAL

ESTUDANTES:

Bruna dos Santos Gruli, RA 1012019100005

Eduardo Mendes de Oliveira RA: 18001280

Gabriela de Lima Soss RA: 1012020100611

Jéssica Roman Duarte RA: 1012020100453

Julia Micheli Gallo RA: 1012018200328

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

NOVEMBRO, 2021

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. PROJETO INTEGRADO	5
2.1 GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCOS	5
2.1.1 PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE RISCO	5
2.1.2 MATRIZ DE RISCO	9
2.2 GESTÃO DE AGRIBUSINESS	11
2.2.1 A AGRICULTURA FAMILIAR	11
2.2.2 GESTÃO NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS	13
2.2.3 GESTÃO DO RISCO PARA UMA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL	16
3. CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS	19
ANEXOS	20

1. INTRODUÇÃO

De acordo com estimativa da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), o Brasil deve se tornar o maior produtor mundial de alimentos em 2025 e os números recentes estão comprovando isso.

O agronegócio no Brasil contribui com quase 25% do PIB, só os grãos produzidos aqui, alimentam cerca de 1,2 bilhão de pessoas em todo o mundo, segundo a Embrapa. O setor realiza ainda 40% das exportações nacionais.

Em resumo, é fácil dizer que um quarto de toda a riqueza produzida no país e quase metade das exportações brasileiras para o mundo estão saindo das mãos dos produtores rurais brasileiros.

Quanto ao emprego, o agronegócio no Brasil é um grande empregador, segundo relatório da CEPA, o agronegócio emprega cerca de 18 milhões de pessoas em todo país. Sendo a agricultura familiar responsável pela maior parte, com mais de 10 milhões de trabalhadores.

Agricultura Familiar também tem um papel importantíssimo no agronegócio nacional. Dados recentes indicam que 70% de todos os alimentos consumidos no Brasil são produzidos pelos pequenos produtores, em um valor bruto da produção agropecuária chega a 33% do total. Mandioca(83%), feijão (70%), aves (51%), leite (58%), e hortaliças (69%) são os grandes destaques.

Apesar de positivo o desempenho econômico do agronegócio, ainda há espaço para o aprimoramento e sua gestão, em especial Gestão de Risco.

Gestão de Risco é o conjunto de atividades coordenadas, que tem como objetivo gerenciar e controlar uma organização em relação à potenciais ameaças, seja qual for a sua manifestação, isso implica no planejamento e o uso dos recursos humanos e materiais para minimizar os riscos ou então tratá-los.

Juntamos, neste trabalho, informações relevantes de forma a explicar clara e objetivamente como tem sido implementado Gestão de Risco em pequenas propriedades rurais, e o quanto é essencial para boa governança, uma vez que fornece garantia razoável para que os objetivos organizacionais sejam alcançados.

Tendo em vista que, o agronegócio possui relevante importância para a economia brasileira, torna a gestão de negócios complexa e exposta a novos riscos

constantemente. Essa característica demanda que a gestão seja realizada de forma integrada, buscando reduzir os efeitos negativos e explorar oportunidades deste modo de produção

Para tanto, esse trabalho propõe o modelo de Gestão de Agronegócio e Gestão de Investimento e Riscos, para desenvolvê-lo foi necessário identificar os objetivos, e buscou a simplicidade, operacionalização sistêmica, abordagem holística, a pelo visual e quantificação de riscos. Porém temos outras ferramentas de gestão da agropecuária que fazem toda a diferença no empreendimento, Matriz SWOT, GUT, Diagrama de Ishikawa, SW2H, entre outras, toda e qualquer ferramenta precisa ser alimentada com informações fiéis da realidade, de forma que possa suprir a necessidade da organização. Daremos ênfase de como PDCA, que pode ser uma ferramenta conveniente, favorável e lucrativa para a gestão nas pequenas propriedades rurais.

2. PROJETO INTEGRADO

Nesta etapa do PI são apresentados os conteúdos específicos de cada unidade de estudo e como são aplicados no respectivo trabalho.

2.1 GESTÃO DE INVESTIMENTOS E RISCOS

2.1.1 PROCESSO DE GERENCIAMENTO DE RISCO

O gerenciamento de riscos é o processo de identificação de situações que afetam os negócios com uma previsão tecnológica, financeira e cronológica antes que venham acontecer, otimizando o capital da empresa ou negócio.

No gerenciamento dos riscos do projeto engloba os processos de condução do planejamento, análise, identificação, preparação e implementação de respostas e monitoramento dos riscos em um projeto.

Avaliar e gerenciar riscos do projeto de modo a maximizar a exposição aos eventos positivos e minimizar os eventos negativos é o principal objetivo do gerenciamento de riscos.

O risco de um projeto é um fato que tenha probabilidade de acontecer no futuro impactando os negócios de forma negativa (ameaças) ou positivas (oportunidades).

Os riscos estão relacionados com as demais áreas de conhecimento e tendem a ser tratados de maneira integrada considerando as melhores práticas de cada área de conhecimento.

Os riscos podem ser conhecidos, quando forem identificados, analisados e considerados no planejamento ou desconhecidos, nesse caso quando o evento ocorre, temos um problema ou questão para o projeto e devem ser tratados agilmente.

Os processos de gerenciamento de riscos são:

- **Planejar o gerenciamento de riscos;** Definir como conduzir as atividades de gerenciamento de riscos para o projeto;
- **Identificar os riscos;** Determinar quais riscos podem afetar o projeto e documentar suas características;
- **Realizar a análise qualitativa de riscos;** Avalia a exposição ao risco para priorizar os riscos que serão objeto de análise ou ação adicional;
- **Realizar a análise quantitativa de riscos;** Efetua a análise numérica do efeito dos riscos identificados nos objetivos gerais do projeto;
- **Planejar as respostas aos riscos;** Desenvolver opções e ações para aumentar as oportunidades e reduzir as ameaças do projeto;
- **Implementar respostas aos riscos;** Implementar as respostas planejadas em planejar as respostas aos riscos;
- **Monitorar os riscos;** Monitorar os riscos durante o ciclo de vida do projeto.

A administração de um negócio é complexa e envolve diversas variáveis. Nesse sentido, é fundamental conhecer os principais tipos de riscos empresariais e as maneiras de evitá-los.

Quando não há uma gestão de riscos eficiente se torna difícil categorizar as ameaças. Sem o gerenciamento adequado, até falhas menores podem comprometer a rentabilidade e a reputação do negócio.

Sobre a importância da gestão de riscos, primeiro devemos conceituar o que são riscos: ocorrências, internas e externas, que causam incertezas na gestão do negócio.

É importante notar que a gestão cuidadosa dos riscos não se limita apenas à prevenção de danos - ela também agrega valor ao negócio. Isso porque pode ser aplicada em diferentes cenários, como na necessidade de implantação de novas estratégias não previstas no planejamento, na otimização do ambiente de trabalho e no reparo de danos significativos ao negócio.

O IBGC (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa) utiliza uma categorização dos riscos que leva em consideração a origem (interna ou externa à organização) e a natureza dos eventos. Assim, eles podem ser riscos estratégicos, financeiros ou operacionais. Além desses riscos, o autor Antônio Carlos Ribeiro Brasileiro em seu livro “Gestão e análise de riscos corporativos”, adiciona mais uma

categoria: os riscos de conformidade, adicionando uma categoria importante que é as ameaças cibernéticas.

1. Riscos estratégicos

As estratégias são conjuntos de ações e diretrizes que mobilizam os recursos de uma organização visando ao ganho de competitividade em longo prazo. Elas objetivam a proteção e a adaptação às oscilações do mercado como um todo.

Assim, os riscos estratégicos levam em conta o posicionamento da organização e são os que mais impactam a tomada de decisão dos gestores, sendo influenciados de forma contínua pelo ambiente externo, por fatores como: o cenário político do país; o panorama macroeconômico; as evoluções tecnológicas; as mudanças nas regulações.

Para entender e mensurar perdas e ameaças ocasionadas pelas flutuações do mercado, é importante mapear todos os fatores que impactam os preços dos ativos da empresa.

Entre os riscos estratégicos incluem as ameaças relacionadas à imagem da organização, que podem prejudicar a reputação geral da empresa no mercado. Além disso, a governança corporativa e a responsabilidade social também estão incluídas nesse conjunto.

2. Riscos financeiros

Os riscos financeiros são aqueles que prejudicam diretamente o fluxo de caixa do negócio e comprometem o capital de giro e o patrimônio. A perda da saúde financeira afeta diferentes organizações, de diversos segmentos.

Como exemplo, podemos citar o risco de endividamento, quando o nível geral de inadimplência é bastante elevado em comparação ao patrimônio. O risco de liquidez é outra ocorrência comum, quando há a pouca capacidade de converter insumos em rentabilidade.

Para combater esse tipo de risco é fundamental elaborar relatórios personalizados de forma regular. Garantindo assim maior controle por parte dos gestores, que visualizarão todo o panorama financeiro de forma mais precisa.

3. Riscos operacionais

Os riscos atrelados às operações são aqueles que resultam em perdas significativas para a empresa, decorrentes de falhas operacionais e de influência externa. Evitar realizar backups periódicos em documentos importantes é um exemplo de deficiência relacionada a essa classificação.

Eles são perigosos quando geram retrabalho e atropelam todas as metas e cronogramas. Isso porque as entregas aos clientes sofrem atrasos, o que compromete a fidelização desses consumidores.

Um método para combater esse tipo de ameaça é a padronização e integração dos processos operacionais. Isso pode ser feito por meio de softwares de gestão e de soluções digitais destinados a prover a visualização das rotinas empresariais como um todo.

4. Riscos de conformidade

Conhecido no meio corporativo como compliance, a conformidade se relaciona ao cumprimento da legislação e dos regulamentos aplicáveis ao negócio. De forma geral, tem a ver com a responsabilidade jurídica da instituição.

O não cumprimento das regulamentações e normas impostas à empresa pode resultar na perda de oportunidades de negócio, em sanções governamentais e em um abalo considerável na realização direta com os clientes. Podemos citar como exemplos a perda de documentação; a insolvência; as práticas ilegais; a falta de representatividade de um negociador em específico.

5. Riscos cibernéticos

Ciberataques e fraudes virtuais, em geral, são comuns, inclusive no ambiente corporativo. Assim, podemos falar que esses riscos já caracterizam um tipo específico de ameaça, principalmente com o protagonismo da tecnologia na geração de novas oportunidades na área.

Para essa ameaça, é bom investir na segurança da sua informação e no controle mais rigoroso dos acessos. Priorizar licenças originais, programas mais complexos de antivírus e certificados digitais.

Além disso, consultores especializados na área de TI podem municiar a organização com informações úteis para garantir defesas sólidas contra invasões.

Para minimizar esses riscos apresentados acima, é essencial a conscientização dos colaboradores sobre os diferentes tipos de ameaças significativas as rotinas empresariais.

2.1.2 MATRIZ DE RISCO

Matriz de risco é também conhecida como matriz de probabilidade e impacto e consiste em uma tabela onde se é possível inserir informações para que sejam melhor visualizadas e analisadas.

Consiste em uma ferramenta visual e de fácil compreensão, que auxilia na percepção rápida da probabilidade e impacto dos riscos em eminência, facilitando o engajamento e o entendimento de quem a utiliza.

Essa facilidade ocorre porque os riscos, que podem ser ameaças ou estarem associados a oportunidades, são posicionados na tabela conforme a sua probabilidade (baixa, média ou alta) e impacto, que pode ser insignificante, moderado e catastrófico.

A probabilidade também pode ser apresentada em porcentagens (10%, 20%, 50%, 80%, etc) e o impacto em baixo, moderado e alto.

Independente do formato escolhido, de acordo com a posição que o risco ganha na matriz, significa que ele merece mais ou menos atenção, o que é reforçado com o uso de cores.

As informações colocadas nos campos correspondentes são classificadas de acordo com a sua prioridade. A matriz não só identifica um risco como também consegue mostrar o nível de prioridade que deve receber.

É uma ferramenta que pode ser aplicada e usada de forma permanente em uma organização, inclusive durante a etapa de avaliação de riscos.

Como vimos anteriormente, a avaliação de riscos é um procedimento muito importante em qualquer área, pois, ajuda a prepará-los para diversas situações, inclusive, aquelas em que algo pode sair diferente do esperado.

Nesse caso, a matriz de risco e impacto é utilizada como complemento da análise dos possíveis riscos em envolvem a criação ou lançamento de um produto, serviço, bem como processos e projetos.

No entanto, mesmo que a análise de riscos não seja realizada, a matriz ainda pode fazer parte da equipe. Isso acontece porque ela ajuda a definir o que é prioridade, o que nem sempre é fácil de fazer sem um método adequado.

A partir disso, podem ser executadas as medidas preventivas e é de responsabilidade dos profissionais que usam a matriz de risco e impacto determinarem o momento certo de agir. Ou seja, perante um risco com impacto baixo a equipe pode decidir por não fazer nada. Mas, de qualquer forma, é importante detectá-lo para que seja monitorado e as providências sejam tomadas se houver um aumento no impacto.

Por outro lado, a empresa pode decidir que todos os riscos merecem uma medida. Independente das estratégias, é essencial conhecer as ameaças, bem como as oportunidades e saber a decisão ao qual tomar diante delas.

Quando um risco de probabilidade média ou alta ou mesmo superior a 50% for detectado, significa que merece atenção, uma vez que quanto maior a probabilidade do risco acontecer, mais prioridade deve se receber.

O mesmo deve ser feito com o impacto de um risco identificado. É preciso definir como será classificado, se é baixo, moderado e alto ou com mais classificações.

Ao classificarmos o risco, é preciso avaliar quais seriam as suas consequências e, assim, quanto mais ou menos grave.

É possível considerar que riscos que causam prejuízo financeiro ou dano aos colaboradores são os mais graves.

Visualmente, as probabilidades ficam na lateral direita da tabela, na vertical, e os impactos na horizontal, na parte inferior da matriz, mostra como a imagem ilustrativa acima.

O segundo passo consiste em classificar cada risco possível de acontecer. Mais uma vez, o segmento de mercado ajuda a determiná-los, por isso, para cada negócio os riscos podem ser diferentes.

Quando realizamos essa classificação a matriz se torna mais eficiente, pois a cada risco eminente não é preciso a equipe analisar a sua probabilidade de impacto. A equipe já sabe como classificá-lo, basta inseri-lo na tabela.

No entanto, conforme a situação, em um mesmo risco pode se mostrar mais provável de ocorrer e apresentar uma maior ou menor gravidade. O mais importante é posicionar o risco no local certo para que ele receba a adequada atenção.

A matriz mostra que os riscos que devem ser priorizados são aqueles com maior probabilidade de ocorrer e com impacto alto. Por outro lado, os riscos menos preocupantes são com baixa probabilidade de impacto.

2.2 GESTÃO DE AGRIBUSINESS

Neste tópico do Projeto Integrado, serão apresentados os aspectos relacionados à gestão das pequenas propriedades rurais e analisado o risco envolvido para esse tipo de negócio.

2.2.1 A AGRICULTURA FAMILIAR

A agricultura familiar no Brasil é de extrema importância, uma vez que esse modelo de produção é o principal responsável pelos alimentos que vão para as nossas mesas todos os dias. Contudo, ela tem algumas características próprias. Diferentemente do que ocorre com a monocultura, por exemplo, o manejo empregado na agricultura familiar produz alimentos variados e emprega diferentes características em relação ao solo e ao ecossistema. Ela é realizada por pessoas que têm a produtividade da terra como a sua principal fonte de sustento. Assim, para facilitar, podemos definir a agricultura familiar como toda a forma de cultivo administrada por uma família, empregando como mão de obra os membros desse núcleo. A produção de alimentos é feita em propriedades mais reduzidas em relação às grandes empresas do agronegócio e se destina à subsistência do trabalhador rural, bem como ao mercado interno do Brasil.

Esse modelo de produção, extremamente tradicional, diferencia-se do agronegócio pelo volume de produção e também pelo modelo de trabalho. Isso porque os grandes atores do agro costumam se especializar em um único gênero de alimentos, como a soja ou o milho, geralmente destinado à exportação e também à alimentação de animais para a pecuária. É importante notar que a agricultura familiar costuma ser diretamente conectada ao agronegócio, principalmente em matérias jornalísticas. Isso

porque os pequenos produtores rurais também fomentam o agronegócio. Portanto, os dois termos não são necessariamente opostos.

Malgrado não tenha sido a primeira modalidade de organização produtiva, uma vez que durante a primeira revolução agrícola, ocorrida no estágio neolítico, os arranjos produtivos coletivos foram pioneiros, estima-se que há cerca de 10 mil anos, mediante incessantes mudanças técnicas e organizacionais, a agricultura familiar começou a se fazer presente na história das civilizações. As coletivizações forçadas, impostas mais por razões ideológicas que econômicas, como as que sucederam na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URRS) nos anos 1930 da primeira metade do século passado e no Camboja mais recentemente, bem como a usurpação de terras comuns para ampliar a produção capitalista, os Enclosure Acts na Inglaterra, não lograram extinguir a agricultura familiar.

Do mesmo modo não foram eficazes os condicionamentos impostos pelos inúmeros paradigmas de produção agrícola, concebidos após a revolução industrial, levando à monocultura, à plantation, e à empresa capitalista mecanizada e automatizada. Por mais que este modelo tenha se tornado eficiente, ele não determinou o fim da agricultura familiar. Nem as coletivizações compulsórias e a expropriação das terras comuns e nem as determinantes econômicas extinguiram a agricultura familiar. Onde houve coletivização compulsória, cessadas as turbulências políticas, a agricultura familiar reapareceu, como um processo quase natural.

Nesta análise da capacidade da agricultura familiar resistir, da sua resiliência, assumindo papéis importantes e ensejando a construção de novos modelos de desenvolvimento rural, não se pode deixar de considerar que a sua estratégia de sobrevivência incorpora certos arranjos institucionais extremamente criativos, que levam a obter ganhos de escala. Entre eles está o consórcio, de maior operacionalidade e flexibilidade que as cooperativas para obtenção de ganhos de aglomeração e ganhos de escopo ou de funcionalidade específica, quando a agricultura familiar se insere em uma cadeia produtiva na qual a empresa capitalista decida não participar.

A contribuição do artigo ao estado da arte está, portanto, no reexame teórico do pensamento econômico e sociológico sobre a problemática pesquisada, na perspectiva de subsidiar avaliação de relevância na formulação de políticas públicas que têm como

foco populações em cujos empreendimentos econômicos a acumulação de capital não fala por si mesma.

2.2.2 GESTÃO NAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS

Uma propriedade rural ou propriedade rústica é geralmente composta por um imóvel e um terreno destinado à prática da agricultura e da pecuária. Existem nomes variados para diferentes tipos de propriedades rurais, conforme a localidade e os tipos de atividade produtiva ali realizados, como por exemplo quinta, sítio, chácara, roça, estância, herdade, granja, fazenda, engenho, rancho.

Definido o que caracteriza uma propriedade rural, podemos então entrar na gestão rural, que se caracteriza por um conjunto de atividades para o melhor planejamento, organização e controle das atividades do ponto de vista financeiro, auxiliando para a tomada de decisão, de modo que o produtor possa gerenciar as atividades, maximizar a produção, minimizar os custos, na busca de melhores resultados financeiros. A partir de uma rotina de boa gestão, o produtor se organiza e planeja suas ações definindo a quantidade de capital e a qualidade de seus investimentos com menor chance de falhas.

É muito comum encontrar pessoas que realizam atividades da forma como os seus antecessores faziam, sem buscarem trabalhar de formas mais eficientes.

Para ser tratado como empresário rural, o produtor precisa utilizar recursos voltados ao gerenciamento, planejamento e execução do seu trabalho, sempre visando a melhoria de processos.

No processo de gerenciamento de um negócio rural, assim como no plantio, o controle de custos de produção também tem sua carga de importância. Conhecer todas as entradas e saídas da propriedade rural não é uma atividade tão complexa, mas requer o acompanhamento periódico das contas. Os ajustes no âmbito agrícola devem ser feitos interligando planejamento e controle. Antes de tomar qualquer decisão, o produtor rural deve conhecer bem como está a situação financeira de sua propriedade.

Esse controle é nomeado como fluxo de caixa, onde serão inseridas as receitas e despesas, ou seja, o cadastro do seu saldo atual, saldo de entrada, saldo de saída, e saldo

final. Uma nova tendência é a utilização de big data, que consiste no armazenamento de um grande grupo de dados, chegando com rapidez a interpretações que garantem produtividade. Com essa tecnologia conseguimos manter um negócio rural muito mais produtivo, pois temos um aproveitamento eficaz dos recursos.

Já no processo de gestão de pessoas é necessário definir cargos e tarefas, para que as demandas sejam atendidas. Além de elencar o que fazer a estas pessoas é fundamental o ensinamento de como fazer, isto é, treinamento. Visto que cada vez mais vêm ocorrendo mudanças e tecnificação no sistema de gerenciamento. A melhor maneira de agregar dados estratégicos para a boa gestão da propriedade rural é utilizando um software agrícola. Essa ferramenta une as áreas operacional e financeira da fazenda, centralizando informações que costumam ficar espalhadas em diferentes sistemas ou planilhas.

Tudo isso pode ser feito pelo computador ou celular:

- Gestão de patrimônio e de máquinas;
- Operações agrícolas;
- Gestão financeira e comercialização;
- Monitoramento integrado de pragas;
- Cotação de seguros agrícolas;
- Integração com o ClimaTempo, para verificar as previsões em tempo real;
- Imagens de satélite e NDVI;
- Livro Caixa Digital do Produtor Rural

Ciclo PDCA

PDCA é uma sigla que dá nome a uma ferramenta usada na gestão da qualidade dos processos. Seu foco é a solução de problemas seguindo as quatro fases indicadas pelas letras (Plan, Do, Check e Act = Planejar, Fazer, Verificar e Agir). Por ser uma ferramenta de uso cíclico, ela também promove a melhoria contínua dos processos.

A base desta ferramenta está na repetição. Ela é aplicada sucessivamente nos processos para que se busque a melhoria contínua. Neste contexto, o planejamento, a padronização e a documentação são práticas importantes, assim como medições precisas. Outros fatores abordados pelo ciclo PDCA são os talentos e habilidades dos profissionais envolvidos.

Plan;

Planejar em português. É a etapa em que se analisam os problemas que querem ser resolvidos, seguindo a seguinte ordem:

- Definição dos problemas
- Definição de objetivos
- Escolha dos métodos
- Se questionar 5 vezes porque o problema ocorreu, sempre tornando sua resposta mais completa.

Do;

Fazer. É hora de por a mão na massa, executando-se o que foi determinado no passo anterior:

- Treinar o método
- Executar
- Realizar eventuais mudanças
- Não procurar a perfeição, mas o que pode ser feito de forma prática
- Medir e registrar os resultados

Check;

Esta é uma das etapas mais importantes que definem o conceito do PDCA num ciclo. Depois de checar, vamos procurar agir de forma melhorada:

- Verificar se o padrão está sendo obedecido
- Verificar o que está funcionando e o que está dando errado
- Perguntar por quê?, a cada passo (novamente, se um problema é detectado, recorre-se aos 5 porquês)
- Com as respostas, treinar o método definido

Act;

Hora de agir com mais assertividade.

- As coisas estão conforme programado? Continue assim!
- Na verdade existem inconformidades? Então agir para corrigir e prevenir os erros!

Melhorar o sistema de trabalho

Repetir as soluções que se mostraram adequadas

2.2.3 GESTÃO DO RISCO PARA UMA PEQUENA PROPRIEDADE RURAL

O agronegócio representa para o Brasil um avanço essencial na economia. O país possui 180 milhões de hectares, onde 40 milhões dessa dimensão são destinados à agricultura e 60 milhões à agropecuária.

O segmento contribui para uma parcela significativa na geração de empregos, ultrapassando os 30% e sustenta exponencialmente a balança comercial, trazendo grande suporte ao nosso PIB.

A representatividade do segmento evidencia a necessidade da modernização do setor, com aumento de produtividade/lucratividade, além da garantia de estabilidade de renda e preço para os produtores.

Embora ao longo dos últimos anos houvesse um grande avanço tecnológico que beneficiou a agricultura e a pecuária na mudança de processos e na infraestrutura, ainda há muito o que se fazer. Grandes oportunidades se intensificarão nos próximos anos através da inteligência da agricultura digital.

O risco no agronegócio se divide primariamente em quatro grandes grupos, são eles: risco financeiro, de mercado, operacional e de produção. Os riscos financeiros são aqueles que envolvem toda gestão de capitais de terceiros, comuns na atuação agrícola, devido ao alto grau de investimento financeiro necessário. Inclui-se aqui, por exemplo, o risco de crédito, tanto tomado quanto concedido. Os riscos de mercado são derivados da volatilidade de preços do mercado agrícola, advindos da variação da oferta e demanda de um determinado produto. Já os riscos operacionais são aqueles que envolvem a execução de atividades produtivas, desde falhas em um processo mecânico na colheita, até a execução incorreta de um processo de negociação.

Por fim, e não menos importante, os riscos de produção que se caracterizam por situações oriundas da atividade de plantio ou criação, como secas, pragas, excesso de chuvas, etc.

Todo e qualquer risco é passível de ser mitigado através de uma gestão eficiente dos fatores que o causam, por exemplo, riscos operacionais podem ter resoluções a partir de protocolos e políticas direcionadas à condução correta das atividades e riscos de produção podem ser administrados com a utilização de dados históricos que auxiliam na predição e tomada de decisão.

Mas quando falamos de riscos financeiros, é preciso diagnosticar onde está o desvio. Deve-se avaliar as taxas de juros, prazos e instituições financeiras antes de financiar suas operações. Para que isso aconteça, é necessário antes de tudo contar com um sistema que organize todas as informações sobre as suas atividades no campo.

Com todas as informações reunidas, quando se tratar de custos, fica muito mais fácil analisar e controlar as economias de escala e de escopo. Em outros processos, a gestão ocorre de modo muito mais simplificado: na parte de preços, você consegue observar a diversificação de atividades e práticas de hedge e, na questão cambial, se planejar quanto às ferramentas de hedge.

Já o risco de mercado que deriva da volatilidade de preços, por exemplo, é possível analisar a diminuição do preço de venda das commodities ou excesso de oferta, ou ainda a falta de demanda no mercado.

Com todas as informações na palma da mão, você consegue montar uma gestão bem estruturada e avaliação efetiva de crédito e controle de recebíveis. No caso de riscos de mercado, eles podem ser geridos pela utilização de ferramentas de hedge.

Com tudo isso em mente, leve em consideração implantar um sistema de gestão que vai te auxiliar na predição e tomada de decisões.

Muitas vezes as empresas e produtores rurais possuem todas as informações necessárias na tomada de decisão (ou pelo menos a maior parte deles), mas de forma desorganizada e descentralizada, espalhada em diversos sistemas e planilhas e, como sabemos, informação desorganizada ou que não está disponível quando necessário é o mesmo que uma informação inexistente.

Atualmente, onde a cada dia temos mais informações à nossa vista, a maior fonte risco é a falta de referências, pois sem as informações corretas disponíveis no momento adequado, não é possível tomar nenhuma ação de mitigação.

3. CONCLUSÃO

Sobre a Gestão de Investimentos de Riscos, podemos concluir que as ameaças que rodeiam um empreendimento são representadas por vários tipos de riscos. Porém, é possível contar com diversos recursos, incluindo tecnologia de ponta para garantir a visualização dos dados e análise precisas do negócio como um todo.

Um desses recursos é a implementação da matriz de risco e impacto, pois é uma importante ferramenta aliada para a tomada de decisões, identificando ameaças e quais devem ser tratadas primeiro.

É possível concluir também que a agricultura cada vez mais será sustentada por ferramentas dinâmicas de gestão, como é o caso dos softwares, que possibilitam a associação de informações e rapidez nas interpretações. Com a gestão, o negócio rural começa a ser mais eficiente e mais produtivo, podendo, então, ser caracterizado como profissional.

REFERÊNCIAS

A agricultura familiar, Disponível em: <https://blog.broto.com.br/agronegocio-e-agricultura-familiar/> Acesso em: 16 de Novembro de 2021.

A importância da gestão na pequena propriedade rural, Disponível em: <https://www.biosistemico.org.br/blog/importancia-da-gestao-na-pequena-propriedade-rural/> Acesso em: 28 de Novembro de 2021.

Agricultura familiar, seu interesse acadêmico, sua lógica constitutiva e sua resiliência no Brasil, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/dxsbz7BBkJBzrBSTKJMHwkf/?lang=pt/> Acesso em : 24 de Novembro de 2021.

Ciclo PDCA, Disponível em: <https://www.venki.com.br/blog/ciclo-pdca-conceito/> Acesso em: 28 de Novembro de 2021

Matriz de Risco e Impactos, Disponível em: <https://blog.aevo.com.br/matriz-risco-impacto/> Acesso em: 04 de novembro de 2021.

Principais riscos empresariais, Disponível em: <https://blog.delogic.com.br/veja-5-principais-tipos-de-riscos-empresariais/> Acesso em: 04 de novembro de 2021.

Processo de gerenciamento de riscos, Disponível em: <https://escritoriodeprojetos.com.br/gerenciamento-dos-riscos-do-projeto> Acesso em: 04 de novembro de 2021.

Saiba como melhorar a gestão da propriedade rural, Disponível em: <https://blog.aegro.com.br/gestao-da-propriedade-rural/> Acesso em: 28 de Novembro de 2021.

ANEXOS

Matriz de Risco e Impacto ΛEVO

Probabilidade	Alta	Média	Alta	Alta
	Média	Baixa	Média	Alta
	Baixa	Baixa	Baixa	Média
		Baixa	Média	Alta
Impacto				

Figura 1: Exemplo de matriz de risco com a definição das gravidades.

Fonte: blog.aevo.com.br/matriz-risco-impacto/



Figura 2: Organização e planejamento da fazenda

Fonte: blog.aegro.com.br/gestao-da-propriedade-rural/



Figura 3: Ciclo PDCA

Fonte: www.venki.com.br